

FINANÇAS

Bancos projetam selic estável ao longo de 2008

SEGUROS

Setor lucra R\$ 6 bilhões e fatura R\$ 74,3 bilhões em 2007

Seguradoras ligadas a bancos detêm 78% do ganho líquido e 65% das vendas totais

VENDAS EM ALTA, GANHOS ESTÁVEIS						
Seguradoras estrangeiras tiveram o maior crescimento em termos de lucro (em R\$ milhões)						
Tipos de grupos	2007			2008		
	Prêmio	Lucro líquido	Retorno s/PL	Prêmio	Lucro líquido	Retorno s/PL
Seguradoras com distribuição pelo canal bancário	37.904	4.730	24%	31.288	4.899	29%
Seguradoras com participação de capital estrangeiro	13.091	646	30%	12.129	415	8%
Seguradoras independentes com capital nacional	7.581	624	19%	6.778	677	8%
Total	58.576	6.000	20%	50.194	5.991	24%

Fonte: Siscorp

Em 2007, as seguradoras conseguiram repetir o lucro líquido nominal de 2006, um ano considerado "respetacular" em termos de resultado. O lucro líquido do setor foi mantido em R\$ 6 bilhões. Porém é um resultado pior, uma vez que o faturamento cresceu 15%, para R\$ 74,3 bilhões, o patrimônio líquido evoluiu 19%, de R\$ 26 bilhões para R\$ 30,8 bilhões com aportes, e as reservas deram um salto de 23%, passando de R\$ 117 bilhões para R\$ 145 bilhões em dezembro de 2007.

A carteira de investimento, formada pelo patrimônio líquido das seguradoras e pelas reservas técnicas que garantem o pagamento das indenizações aos segurados, aumentou 25%, para R\$ 158 bilhões. A média efetiva da Selic, que remunera praticamente 90% da carteira de investimentos, caiu de 14,71% em 2006 para 11,88% no ano passado.

Os recursos são investidos em títulos de renda fixa. Apenas 1% está em renda variável, uma vez que a atividade de seguro já é uma operação de baixo risco e uma característica da aplicação. Embora o retorno das aplicações tenha piorado pela redução do juro, houve um aumento da massa de recursos investidos, compensando a redução da remuneração financeira", diz Flávio Fagionato, sócio da consultoria Siscorp Sistemas Corporativos.

Várias empresas apresentaram queda na rentabilidade sobre o patrimônio líquido. Parte foi causada pela redução na remuneração dos investimentos e parte por uma piora no resultado operação em si. A rentabilidade média sobre o patrimônio líquido de todo o setor em 2006 foi de 24%, apresentando queda de quatro pontos percentuais no ano passado, para 20%.

Canais de distribuição

As seguradoras com canal de distribuição bancário registraram queda de cinco pontos percentuais, de 29% para 24%, as com participação de capital estrangeiro conseguiram elevar em dois pontos percentuais, para 10%, e as seguradoras independentes com capital nacional tiveram uma piora, com o ROE passando de 23% para 19%.

Neste último grupo boa parte do impacto veio da Porto Seguro. O lucro líquido de 2007 foi de R\$ 420 milhões, queda de 8,7%. Po-

nomista-chefe. Pela pesquisa, a Selic volta a ser reduzida no ano que vem, chegando em dezembro de 2009 a 10,75% ao ano.

Entre os fatores que mais impactam na política monetária, segundo o levantamento, estão a pressão dos preços dos alimentos, citada por 75% dos entrevistados, seguido pela atividade econômica doméstica, que preocupa mais 55,6%, e depois por uma possível desvalorização da taxa de câmbio, para 50%. A projeção de crescimento do PIB este ano diminuiu de 4,58% na pesquisa em dezembro para 4,52% no levantamento da semana passada. Para 2009, a projeção média para o crescimento do PIB está em 4,15%. Em relação ao IPCA projetado para este ano, os bancos aumentaram a previsão de 4,16% para 4,48%, bem próximo do centro da meta de 4,50%.

Em relação às operações de crê-

de dos auditores independentes.

As vendas totais de seguros patrimoniais e de responsabilidade civil (segmento conhecido internacionalmente como property and casualty) somaram R\$ 27,7 bilhões, crescimento de 9% sobre 2006. O seguro de automóvel é o mais vendido neste segmento, com R\$ 13,5 bilhões em 2007, evolução de apenas 2% comparado ao ano anterior. A Porto Seguro lidera, com 20% de market share.

As apólices de riscos patrimoniais, onde estão incluídos riscos empresariais, condomínios e residencial, totalizaram prêmios de R\$ 4,3 bilhões, decréscimo de 9% em relação a 2006. A Itaú é a maior deste nicho, com prêmios de R\$ 576 milhões e participação de 13%. A líder deste ranking em 2006 era a Unibanco, que no ano passado apresentou queda de 61% nos prêmios, para R\$ 469 milhões. O seguro de transporte totalizou prêmios de R\$ 1,6 bilhão, evolução de 6%, tendo a Unibanco AIG a liderança.

O segmento de previdência totalizou contribuições de R\$ 28 bilhões, sendo R\$ 20,1 bilhões apenas com o VGBL, que puxou o faturamento de todo o setor com crescimento de 36%. A Bradesco Vida e Previdência detém a liderança, com 42% da arrecadação total do setor com o VGBL.

Em apólices de vida e acidentes pessoais, as seguradoras arrecadaram R\$ 10,6 bilhões, evolução de 13%. Aqui também a Bradesco é a número um, com 16%, seguida pela Mapfre, com 12% de market share.

As vendas de títulos de capitalização totalizaram R\$ 7,8 bilhões alta de 10%.

Susep estima a vinda de 18 resseguradores ao País

SABRINA LORENZI RIO

Pelo menos 18 resseguradoras vão operar no Brasil assim que as regras de mercado aberto começarem a vigorar, em abril. A estimativa, do titular da Superintendência de Seguros Privados (Susep), Armando Vergílio Junior, considera tanto empresas interessadas em ter sede e autonomia no País (locais) como companhias que preferem tocar operações a partir de decisões e reservas financeiras vindas do exterior (admitidas).

Com um prédio projetado para ser o centro do mercado de resseguros no País — quem sabe da América Latina, como apostam alguns — o Rio começa a atrair as maiores empresas mundiais do setor. A suíça Swiss Re fez recentemente uma consulta para atuar como resseguradora admitida, com perspectiva de se tornar local depois. Segunda maior do mundo, a alemã Munich Re também já protocolou pedido à Susep para vir para o Brasil, como em países locais. E a [Malacelli, braço do Paranaíba Bancário, terá sede em Curitiba. Outras empresas estão em contato com a Susep, mas Vergílio disse que ainda não pode revelar nomes.

Também admitido para ter

operações no País, o centenário Lloyd's de London deverá instalar sua base de operações no prédio do Banco Central, no Rio. De acordo com o governador Sérgio Cabral, o presidente do BC, Henrique Meireles, acatou o pedido do Lloyd's para dividir o enorme edifício localizado na Avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro.

O presidente do Lloyd's, Lorde Peter Levene, em entrevista ontem no Palácio das Laranjeiras, residência do governador, disse que quer crescer na América Latina a partir do Brasil. O executivo revelou que o continente possui menos de 20% dos negócios da instituição. "A nossa participação na América do Sul é muito pequena", afirmou.

A vinda do executivo inglês deve ser o começo de outras visitas importantes, segundo plano do governador. "O IRB tem uma área que iremos transformar num grande centro latino-americano de resseguro", disse. A construção do prédio que sediará o centro internacional será realizada com investimentos das empresas que vão se instalar. De acordo com a Susep, o mercado de resseguros foi de US\$ 2,5 bilhões no ano passado e em quatro anos deve dobrar de tamanho.

BANCOS

Lucro do Banrisul vai a R\$ 916,4 milhões

CAIO GIGANA PORTO ALEGRE

Impulsionado pelo aumento do crédito, expansão das operações de tesouraria, maior utilização do cartão Banricompas e a reversão de créditos tributários no valor de R\$ 511 milhões impulsionaram, o lucro do Banrisul (Banco do Estado do Rio Grande do Sul) cresceu 153,4% em 2007, para R\$ 916,4. A rentabilidade sobre o patrimônio ficou em 44,8%, ante 29,7% em 2006. "O Banrisul será este ano o mais rentável do País, inclusive em comparação com os gigantes", disse o presidente do banco, Fernando Lemos. Em julho, o banco, controlado pelo governo do Rio Grande do Sul, com 56% do capital total, levantou R\$ 800 milhões com uma emissão primária de ações.

O patrimônio líquido do Banrisul atingiu R\$ 2,79 bilhões, evolução de 115,6% sobre o ano anterior. Os ativos totais cresceram 30,9% para R\$ 30,5 bilhões, e os recursos captados e administrados totalizaram R\$ 17,1 bilhões, um crescimento de 19,8%. Ajudada pela estabilidade econômica, redução dos juros e spreads, a carteira de crédito em prêmios de curtíssimo prazo ficou mais cara e podem ser de estimuladores", explica Tingas. A nova forma de incidência do IOF nas operações de crédito, particularmente nas rotagens de curto prazo, podem desestimular os empréstimos como do cheque especial. "Como o IOF é cobrado toda vez que você entra ou sai de uma operação de crédito, em prêmios de curtíssimo prazo ficam mais caros e podem ser de estimuladores", explica Tingas. O IOF tem pouco efeito sobre operações mais longas, mas nas curtas pode ser prejudicial." Segundo a pesquisa, o dólar deve terminar este ano a R\$ 1,81 e em dezembro de 2009, chegar a R\$ 1,88. A balança comercial voltará a registrar saldo em 2008, com superávit de US\$ 28 bilhões.

HABITAÇÃO

CEF projeta aumento de 20% neste ano

ETENE RAMOS RECIFE

Os resultados recorde dos empréstimos da CEF (Caixa Econômica Federal) em 2007 para as áreas de habitação, saneamento e infraestrutura refletem a ebulição da construção civil vivida em todo o país. No ano passado, a CEF financiou mais de R\$ 37,2 bilhões, dos quais R\$ 21,5 bilhões foram destinados à habitação. O volume é 100,7% superior ao de 2006. Para este ano, a perspectiva é um aumento de 20%. "2007 foi o ano em que a construção começou a deslanchar.

O Brasil ainda não atingiu o ápice de produção habitacional e de oferta de crédito, se o compararmos com outros países em desenvolvimento. Ainda há muito espaço para aplicarmos recursos em habitação", analisa o superintendente da CEF em Pernambuco, Alex Norat, revelando que os resultados de 2007 foram superiores à meta de chegar a R\$ 17,4 bilhões em empréstimos. Comparado a 2002, quando foram emprestados R\$ 5,5 bilhões, o volume foi quatro vezes maior.

do Banrisul cresceu 26,2%, para R\$ 8 bilhões. As operações para pessoa física aumentaram 24%, para R\$ 2,7 bilhões. Já a carteira de crédito para pessoa jurídica evoluiu 43,8%, para R\$ 2,8 bilhões.

O secretário estadual da Fazenda e presidente do Conselho de Administração do banco, Aod Cunha, observou que, enquanto o sistema bancário brasileiro conseguiu reduzir a inadimplência de 7,6% para 7,1%, na média, no Banrisul, a queda foi de 4,9% para 3,3%. "Conseqüentem crescimento com controle da qualidade do crédito", salientou o Banricompas, cartão de débito do banco, registrou 46,9 milhões de transações, que movimentaram R\$ 2,6 bilhões.

Segundo Lemos, para 2008 o foco do banco seguirá sendo o crédito à pessoa física e jurídica, com crescimento estimado em 25%. Os financiamentos para pequenas e médias empresas devem ser impulsionados pelo bom momento da economia gaúcha, que deve repetir o desempenho de 2007 e crescer acima da média nacional. Outro plano é investir cerca de R\$ 130 milhões em tecnologia bancária.

Para este ano, estão previstos R\$ 20,3 bilhões, sendo R\$ 1,2 em subsídios para habitação voltada à essa parcela da população, seja para contratação individual ou para construção de moradias populares. Segundo Norat, a partir do segundo semestre, após a reedição dos feirões da casa própria em dez capitais do país que, no ano passado, resultaram em negócios da ordem de R\$ 479 milhões, será feita uma reavaliação, podendo haver ajustes e remanejamento de recursos por região.

As mudanças propostas para 2008 vão tornar a CEF ainda mais competitiva em relação aos bancos privados. As principais são as reduções na taxa de juro pós-fixada para imóveis com recursos do SBPE que pode chegar a 1% ao ano, dependendo da modalidade contratada, e de 0,5% ao ano na taxa dos empréstimos por Carta de Crédito FGTS para os cotistas do FGTS que optarem por usar os recursos na aquisição de imóveis. "Podem parecer pequenas mas essas reduções são significativas se considerarmos um contrato de 30 anos", argumenta.

PROJEÇÕES

Bancos prevêem selic estável em 2008 e queda no ano que vem

JIANE CARVALHO SÃO PAULO

A volatilidade dos mercados financeiros, observada em janeiro, não foi suficiente para deteriorar o cenário projetado para a economia brasileira em 2008. Esta é uma das principais conclusões da pesquisa da Febraban (Federação Brasileira dos Bancos) com 43 instituições. A sondagem foi realizada na semana passada, após a divulgação da ata da última reunião do Copom, em que a Selic foi mantida estável a 11,25% ao ano. Para a ampla maioria das instituições, a condução da política monetária está mais condicionada a fatores domésticos que externos.

"É claro que a crise no mercado de hipotecas afeta a todos, e no Brasil particularmente a Bolsa, mas não é suficiente para promover uma mudança na política monetária", avalia Nicola Tingas, economista-chefe da Febraban. "Hoje as consequências estão limitadas aos detentores de portfólios ligados às hipotecas, como bancos e seguradoras, e além disso as ações do governo americano

e dos bancos centrais tendem a promover um ajuste no sistema, o que já está ocorrendo."

Com a cena externa ainda em segundo plano, quando o assunto é a política monetária conduzida pelo Banco Central (BC), os bancos ouvidos pela Febraban vêem pressões apenas no curto prazo. "O foco continua sendo a inflação doméstica, que preocupa mais já começa a arrefecer", diz o economista. "A minoria dos bancos acredita em uma elevação da Selic no primeiro semestre, mas depois a tendência é de estabilidade no cenário com retomada de cortes em 2009", acrescenta.

Na pesquisa anterior da Febraban, um terço dos analistas acreditava na manutenção da Selic. No levantamento divulgado ontem, esta posição é majoritária e há, ainda, alguns economistas que esperam uma elevação na expectativa para acomodar as expectativas de inflação. "Até julho, apenas 20% das instituições acreditam em uma alta da Selic, mas não há previsão de elevações no segundo semestre", explica o eco-

nomista-chefe. Pela pesquisa, a Selic volta a ser reduzida no ano que vem, chegando em dezembro de 2009 a 10,75% ao ano.

Entre os fatores que mais impactam na política monetária, segundo o levantamento, estão a pressão dos preços dos alimentos, citada por 75% dos entrevistados, seguido pela atividade econômica doméstica, que preocupa mais 55,6%, e depois por uma possível desvalorização da taxa de câmbio, para 50%.

A projeção de crescimento do PIB este ano diminuiu de 4,58% na pesquisa em dezembro para 4,52% no levantamento da semana passada. Para 2009, a projeção média para o crescimento do PIB está em 4,15%. Em relação ao IPCA projetado para este ano, os bancos aumentaram a previsão de 4,16% para 4,48%, bem próximo do centro da meta de 4,50%.

Em relação às operações de crê-

ditado, a previsão é de um crescimento menor este ano em relação a 2007. A expectativa é que o crédito cresça 20,92% este ano, inferior aos 27,26% registrados no ano passado. "A desaceleração ocorre por uma mistura de fatores, como expansão menor do PIB, endividamento maior das famílias, o que revela uma acomodação natural do setor", explica Tingas. A nova forma de incidência do IOF nas operações de crédito, particularmente nas rotagens de curto prazo, podem desestimular os empréstimos como do cheque especial. "Como o IOF é cobrado toda vez que você entra ou sai de uma operação de crédito, em prêmios de curtíssimo prazo ficam mais caros e podem ser de estimuladores", explica Tingas. O IOF tem pouco efeito sobre operações mais longas, mas nas curtas pode ser prejudicial." Segundo a pesquisa, o dólar deve terminar este ano a R\$ 1,81 e em dezembro de 2009, chegar a R\$ 1,88. A balança comercial voltará a registrar saldo em 2008, com superávit de US\$ 28 bilhões.

Volta de estrangeiros pressiona dólar

JIANE CARVALHO SÃO PAULO

A volta do investidor estrangeiro para a bolsa brasileira, acompanhando a melhora no ambiente externo e um certo descolamento do Brasil em relação à crise global, patrocinou mais um dia de queda do dólar. Ontem, pelo terceiro preço seguido, a moeda recuou 0,40% negociada a R\$ 1,744. No ano, a desvalorização acumulada chega a 1,43%. A Bovespa voltou a fechar em alta, com avanço de 1,2%, a 62.590 pontos.

Desde que a crise do mercado americano de hipotecas se intensificou, o movimento do dólar está mais ligado a episódios de maior ou menor aversão ao risco, do que aos fundamentos econômicos, claramente baixistas. "Nos últimos dias, a melhora externa realimen-

tou o apetite por risco do investidor estrangeiro que tem voltado para a Bovespa, deprimindo o dólar", avalia Mario Battistel, da corretora Novação. Segundo dados da bolsa, o saldo de estrangeiros está positivo em R\$ 299 milhões nos primeiros 10 dias deste mês. No ano, porém, ainda é negativo em R\$ 704 milhões.

Um descolamento do Brasil em relação à crise das subprimas também explica a volta dos estrangeiros. Em relação a outros emergentes, os fundamentos do País estão mais sólidos. "Está havendo uma diferenciação maior entre os emergentes, o que é favorável ao Brasil, na verdade o processo de avaliação feito pelos gestores evoluiu", diz Alexandre Ferreira, vice-presidente de câmbio do banco WestLB.

Ontem, as bolsas de Wall Street novamente puxaram a melhora global a novo pregão de alta. O índice Dow Jones avançou 1,38%, Nasdaq subiu 2,25% e o S&P 500 fechou com alta de 1,31%. Ajudaram em mais um dia de trajetória a assinatura, por parte do presidente George W. Bush, de um pacote de estímulo à economia e dados das vendas no varejo, que subiram 0,3% em janeiro, frente a uma previsão de 0,4% de baixa. Na BM&F, as projeções de juros dos contratos de Depósitos Interbancários (DI) caíram pelo quinto pregão consecutivo. O DI para janeiro de 2009, o maior líquido, registrou taxa de 11,72%, ante 11,83% do ajuste anterior. Janeiro de 2010 ficou em 12,36% ao ano, contra 12,44% do último fechamento.

Em relação às operações de crê-

Dow Jones sobe 1,38%

REUTERS NOVA YORK E PARIS

O índice Dow Jones, da Bolsa de Valores de Nova York, encerrou o pregão em alta de 1,38%, com 12.543 pontos. O S&P 500 subiu 1,31%, a 1.366 pontos. E na bolsa eletrônica, o índice composto do Nasdaq encerrou com aumento de 2,25%, aos 3.272 pontos.

As bolsas europeias fecharam em leve queda, tomando um fôlego após a forte alta de 1,83% medida que ações do setor de telecomunicações e mineradoras compensaram os fortes resultados das montadoras de veículos. O índice FTSEurofirst 300, que reúne as principais ações das empresas europeias, caiu 0,05%, para 1.333 pontos.